

A ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

INGEDORE G. VILLAÇA KOCH
IEL/UNICAMP

I. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir o processo de produção textual no quadro das teorias interacionais da linguagem, isto é, como atividade interacional de sujeitos tendo em vista a realização de determinados fins.

As teorias interacionais da linguagem reconhecem a existência de um sujeito planejador/organizador (entidade psico-físico-social) que, em sua inter-relação com outros sujeitos, vai construir um texto, sob a influência de um complexo de fatores, entre os quais a especificidade da situação, o jogo das imagens recíprocas, as crenças, convicções, atitudes, os conhecimentos partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções sociais. Isto significa que a construção do "objeto-texto" exige a realização de uma série de ações cognitivo-discursivas dos sujeitos no sentido de dotá-lo de certos elementos, propriedades ou marcas que, em seu inter-relacionamento, são responsáveis pela produção do sentido.

Assim, segundo tais teorias, o texto resulta de um tipo de atividade específica a que autores alemães denominam "sprachliches handeln", entendendo por **handeln** a influência consciente, teleológica e intencional dos sujeitos humanos individuais e coletivos sobre seu ambiente natural e social. Desse forma, **sprachliches handeln** diz respeito à realização de uma **atividade verbal** numa situação dada, com vistas a certos resultados.

A escola psicológica e psicolingüística soviética, por sua vez, baseada em Vigotsky, emprega o termo "dejatel'nost" para designar o complexo conjunto de processos postos em ação para a consecução de um determinado resultado, que é, ao mesmo tempo, o motivo da atividade, ou seja, aquilo através do que se concretiza uma necessidade do sujeito (Serébrennikov, 60). Conseqüentemente, tal atividade pode articular-se em três aspectos: **motivação**, **finalidade** e **realização**. Diz Leont'ev (1971:31):

"Surge uma necessidade. Depois planificamos a atividade, fazendo uso dos meios sociais -os signos-, ao determinar a meta final da atividade e eleger os meios de sua realização. Finalmente, a realizamos, com o que alcançamos os resultados desejados. Cada ato da atividade compreende a unidade dos três aspectos: começa com um motivo e um plano, e termina com um resultado, com a consecução da meta

prevista no início; mas, nesse meio, há um sistema dinâmico de ações e operações concretas dirigidas a essa meta."

Leont'ev (1974) ressalta que tais ações e operações, que constituem a atividade verbal, estão incluídas em um processo social - o que permite considerar a linguagem enquanto atividade como determinada pelos fatores sociais.

Toda atividade pressupõe a existência de uma estruturação interna, a qual, segundo Leont'ev (1971), "se expressa sobretudo no fato de que o processo da atividade consta de ações individuais... As mesmas ações podem pertencer a diferentes atividades e vice-versa: o mesmo resultado pode ser alcançado por meio de diversas ações". Tais ações, que dão lugar à estruturação da atividade e que possuem também determinação social (e psico-individual), articulam-se por sua vez em **operações específicas**, que são os **meios de realização** das ações individuais, em virtude da motivação própria de cada uma delas. Enquanto as ações têm caráter "psíquico", as operações são fundamentalmente psicofisiológicas (na atividade verbal, por ex., as operações de fonação, articulação etc.).

Toda atividade humana, portanto, teria os seguintes aspectos fundamentais:

- a. existência de uma necessidade/interesse;
- b. estabelecimento de uma finalidade;
- c. estabelecimento de um plano de atividade, formado por ações individuais;
- d. realização de operações específicas para cada ação, segundo o plano de ações pré-fixado;
- e. dependência constante da situação em que se leva a cabo a atividade, tanto para a planificação geral, como para a realização das ações, e a possível modificação do processo no transcurso da atividade (troca das ações previstas por outras, de acordo com as mudanças que se produzem na situação).

II. A TEORIA DA ATIVIDADE VERBAL

A **teoria da atividade verbal** (teorija recevoj dejatel'nosti) é, portanto, a adaptação ao fenômeno "linguagem" de uma teoria da atividade de caráter filosófico, articulada com uma teoria da atividade (social) humana, que se especifica em uma teoria da atividade (comunicativa) verbal.

A atividade verbal é definida por Leont'ev (1971) como "... uma atividade(...) do ser humano que se transmite até certo grau mediante os signos de uma língua (cuja característica fundamental é a utilização produtiva e receptiva dos signos da língua). Em sentido estrito, deve-se entendê-la como uma atividade na qual o signo lingüístico atua como "estímulo" (Vygotsky), uma atividade, portanto, em cujo transcurso conformamos uma expressão lingüística para alcançar um objetivo pré-fixado".

O que interessa, assim, ao estudo propriamente lingüístico é a **utilização da linguagem para alcançar uma finalidade** o que inclui, evidentemente, o estudo do

sistema de signos de que nos valem). Isto é, seu objetivo é **unificar como se consegue determinados fins com meios lingüísticos** (que é, em essência, também a preocupação da **teoria dos atos de fala** de Austin, Searle e suas variantes).

A realização lingüística da atividade verbal depende das condições sociais e psicológicas, além de vir determinada pelo motivo básico da atividade, e utiliza diversos meios como: **a.** seleção de palavras; **b.** passagem do programa à sua realização; **c.** projeto gramatical; **d.** tradução e comparação de variantes sintáticas; **e.** fixação e reprodução dos compromissos gramaticais, unidos à programação motora (fisiológica) (Leont'ev, 74).

Quanto ao modo como o conjunto da atividade e do seu retorno sócio-psicológico influi na forma específica da expressão lingüística, ele destaca:

1. Fatores que afetam a intervenção verbal (isto é, aquilo que leva à realização de determinado ato verbal):

- **motivação** - geralmente não há um motivo único, mas um conjunto de motivos, embora seja possível destacar o motivo central ou dominante;

- **situação** - que inclui um conjunto de influências internas que afetam um organismo e que, juntamente com a motivação inicial, informam com precisão a esse organismo sobre as escolhas que deve realizar; e também a situação objetiva (situação propriamente dita) e a informação sobre situações distintas nas quais se realizaram outras atividades;

- **"prova de probabilidades"**, que determina quais, entre as diversas ações possíveis (integrantes de uma atividade completa), têm mais possibilidade de produzir os frutos desejados;

- **"tarefa da ação"** - segundo a qual se seleciona a ação com mais probabilidade de êxito; consiste fundamentalmente em nosso próprio conhecimento da estrutura e da finalidade de toda a atividade, isto é, trata-se de projetar uma das ações (aquela que, de acordo com o "cálculo de probabilidades", tem a maior probabilidade de êxito), para cumprir seu papel específico dentro do conjunto de ações em que se articula a atividade.

Sob a influência de tais fatores, o sujeito idealiza o **"plano geral do texto"**, que determina a organização interna deste, antes de passar à sua realização mediante unidades lingüísticas.

Já os fatores que determinam a **realização verbal da intenção verbal**, ou seja, os aspectos especificamente "superficiais", são, segundo Leont'ev:

- a língua particular em que se realiza o enunciado, isto é, o sistema lingüístico de uma dada língua;

- o grau de domínio da língua;

- o fator funcional-estilístico, que determina a escolha dos meios lingüísticos mais adequados dentre todas as possibilidades existentes, de acordo com as condições específicas em que se realiza a comunicação. É responsável, por ex., pela seleção da

forma dialogada ou monologada, escrita ou falada, do tipo de texto etc, assim como dos aspectos tradicionalmente considerados "estilísticos";

- o fator afetivo, expressivo;
- as diferenças individuais em experiência verbal entre falante e ouvinte, que exigem determinadas estratégias por parte do falante na seleção das formas lingüísticas, de acordo com as necessidades e possibilidades do ouvinte;
- o contexto verbal, no sentido de "contexto lingüístico";
- a situação comunicativa.

Em resumo: A linguagem é uma forma de atividade e, assim sendo, deve ser encarada como uma atividade em geral, e, mais especificamente, como uma atividade humana. Como tal, toda atividade verbal possui uma motivação, um conjunto de operações que são basicamente próprias do sistema lingüístico e que representam a articulação das ações individuais em que se estrutura a atividade, e um objetivo final que, como o motivo inicial, tem um caráter basicamente lingüístico. No processo de realização da atividade, mediante **ações verbais** (atos verbais), é preciso distinguir duas fases: a estruturação mesma da motivação inicial e a realização superficial dessa motivação. Em ambas, é preciso ter em conta os determinantes não-lingüísticos, fundamentalmente de caráter psico-social, devendo, inclusive, a manifestação superficial explicar-se, em grande parte, por tais fatores.

III. ALGUMAS PROPOSTAS NO QUADRO DA LINGÜÍSTICA TEXTUAL

III.1 - Dentro da teoria da atividade verbal, uma das primeiras tentativas de elaboração de um modelo textual foi desenvolvido por H. Isenberg (1976), que propôs um método apto a descrever a geração (e também a interpretação e análise) de um texto desde a estrutura pré-lingüística da intenção comunicativa até a manifestação superficial, incluindo fundamentalmente as estruturas sintáticas, mas que pode ser ampliado aos níveis inferiores (morfológico, fonológico etc.). Para ele, o texto pode ser encarado sob oito aspectos diferentes:

1. **legitimidade social**: texto como manifestação de uma atividade social legitimada pelas condições sociais;
2. **funcionalidade comunicativa**: texto como unidade de comunicação;
3. **sematicidade**: texto em sua função referencial com a realidade;
4. **referência à situação**: texto como reflexo de traços da situação comunicativa;
5. **intencionalidade**: texto como uma forma de realização de intenções;
6. **boa formação**: texto como sucessão linear coerente de unidades lingüísticas; unidade realizada de acordo com determinados princípios;
7. **boa composição**: texto como sucessão de unidades lingüísticas selecionadas e organizadas segundo um plano de composição;

8. **gramaticalidade**: texto como sucessão de unidades lingüísticas estruturadas segundo regras gramaticais.

O texto em sua totalidade deve considerar os oito aspectos, embora o autor tenha dedicado seu trabalho apenas aos aspectos 6, 7 e 8. Cada um deles pode dar origem a uma teoria parcial, de modo que os oito, em conjunto, permitiriam o estudo - necessariamente interdisciplinar - do texto lingüístico. Os vários aspectos são apresentados numa ordem tal que cada um deles pressupõe os anteriores, sendo 1 e 2 pressupostos básicos: existe, em primeiro lugar, a necessidade social, para cuja realização se elabora um texto, cujo conteúdo se fixa de acordo com a situação comunicativa e a intenção do falante; passo a passo chega-se ao nível superficial do "texto" em forma de elementos lingüísticos sucessivos. Para o estudo de cada aspecto, é preciso ter em conta os anteriores; assim, por ex., **uma descrição adequada da gramaticalidade deverá levar em conta a intenção.**

Isenberg ressalta a importância do aspecto pragmático como determinante do sintático e do semântico: o plano geral do texto determina as funções comunicativas que nele irão aparecer e estas, por sua vez, determinam as estruturas superficiais. A relação existentes entre os elementos do texto se deve à intenção do falante, ao seu plano textual prévio, que se manifesta por meio de instruções ao ouvinte para que realiza operações cognitivas destinadas a compreender o texto em sua integridade, isto é, o seu conteúdo e o seu plano global; ou seja, o ouvinte não se limita a "entender" o texto no sentido de captar seu conteúdo referencial, mas atua no sentido de reconstruir a intenção do falante ao estruturá-lo, isto é, descobrir o "para quê" do texto.

III.2 - Também os trabalhos de Van Dijk, especialmente os da década de 80. enquadram-se numa teoria acional da linguagem. Em Van Dijk (1981:210), por ex., lê-se "... o planejamento pragmático de um discurso ou conversação requer a atualização mental de um conceito de ato de fala global. É com respeito a esse macroato de fala que se constrói o **propósito** da interação verbal, isto é, uma representação do fim último da interação: que X quer saber ou fazer algo. Se dissermos, de maneira bastante vaga, embora familiar nas ciências sociais, que a ação humana é finalisticamente orientada ("goal directed"), estaremos significando que seqüências de ações (...) são realizadas sob o controle efetivo de uma macro-intenção ou plano, encaixado numa macro-finalidade, para um ou mais atos globais. Enquanto tal macro-propósito é a representação das conseqüências desejadas de uma ação (...), a macro-intenção ou plano é a representação conceitual do estado final, isto é, do resultado da macro-ação. Sem um macro-propósito e uma macro-intenção, seríamos incapazes de decidir qual ato de fala concreto poderia propiciar um estado a partir do qual o resultado pretendido e a meta intencionada poderiam ser alcançados."

III.3 - Schmidt (1971:33) escreve, acerca da **teoria do ato verbal**: "A linguagem... já não é considerada primariamente como **sistemas de signos**, denotativo, mas como **sistema de atividades** ou **de operações**, cuja estrutura consiste em realizar, com a ajuda de um repertório aberto de variáveis (...) e um repertório fechado de regras, determinadas operações ordenadas, a fim de conseguir um determinado objetivo,

que é informação, comunicação, estabelecimento de contato, auto-manifestação, expressão e (per)formação da atividade. Por isso é que propõe, para os "jogos verbais" de Wittgenstein, a denominação "jogos de atuação comunicativa".

III.4 - Wunderlich (1978:30), por sua vez, assinala: "O objetivo da teoria da atividade é extrair os traços comuns das ações, planos de ação e estágios das ações, e pô-los em relação com traços comuns dos sistemas de normas, conhecimentos e valores. A análise do conceito de atividade (o que é atividade/ação) está estreitamente ligada à análise do conhecimento social sobre as ações ou atividades (o que se **considera** uma ação?). A teoria da atividade é, portanto, em parte uma disciplina de orientação das ciências sociais em parte, também, filosófica e de metodologia da ciência. A relação com a lingüística está em que o fundamento pragmático da teoria da linguagem deve enlaçar-se com a teoria da atividade e que, também, a análise lingüística pode contribuir de alguma forma para o desenvolvimento da teoria da atividade".

III.5 - Beaugrande & Dressler (1981), por seu turno, afirmam: "A produção e a recepção de textos funcionam como **ações discursivas** relevantes para algum plano ou meta". (cf. as ações verbais de Leont'ev). Partindo da definição de Von Wright (1967): "ação é um ato intencional que transforma uma situação de uma forma como, de outro modo, não teria ocorrido", descrevem a ação discursiva em termos das modificações que ela efetua sobre a situação e sobre os vários estados dos participantes: estado de conhecimento, social, emocional etc. Entre todas as mudanças que ocorrem por meio de um discurso, o foco de cada participante recai sobre aqueles estados que são instrumentais para os seus planos, com vistas a determinado objetivo. Deste modo, os estados são processados através de sua **vinculação** a um plano, isto é, pelo encaixamento das ações numa seqüência planejada de estados ("plan attachment").

Seu trabalho, portanto, insere-se também nos quadros de uma teoria da atividade. Dizem eles que a primeira fase da produção de textos consiste usualmente no planejamento: o produtor tem a intenção de atingir determinada meta via texto, de modo que a produção deste é uma sub-meta no trajeto para o atingimento do objetivo principal.

Definindo o discurso como uma seqüência de situações ou eventos em que vários participantes apresentam textos como **ações discursivas**, Beaugrande & Dressler consideram a atividade verbal como uma instância de planejamento interativo. Por isso, incluem, entre os critérios ou padrões de textualidade, a **intencionalidade**. Segundo eles, a intencionalidade, em sentido estrito e imediato, diz respeito ao propósito dos produtores de textos de fazer com que o conjunto de ocorrências verbais possa constituir um instrumento textual coesivo e coerente, capaz de realizar suas intenções, isto é, atingir uma meta especificada em um plano; em sentido amplo, abrange todas as maneiras como os sujeitos usam textos para perseguir e realizar seus objetivos.

Para esses autores, embora a coesão e a coerência constituam os padrões mais evidentes de textualidade, não são, por si sós, suficientes para estabelecer fronteiras absolutas entre textos e não textos, já que as pessoas muitas vezes utilizam textos que, por várias razões, não se apresentam totalmente coesos e coerentes. É isto que os leva

a incluir as atitudes dos usuários entre os critérios de textualidade: para que uma manifestação lingüística constitua um texto, é necessário que haja a intenção do produtor de apresentá-la - e a dos parceiros de aceitá-la como tal -, numa situação de comunicação determinada. Pode, inclusive, acontecer que, em certas circunstâncias, se afrouxe ou elimine deliberadamente a coesão e/ou a coerência semântica do texto com o objetivo de produzir efeitos específicos. Aliás, nunca é demais lembrar que a coerência não constitui uma propriedade ou qualidade do texto em si: um texto é coerente para alguém, em dada situação de comunicação específica (cf., por ex., Van Dijk, 1983; Kock & Travaglia, 1989 e 1990). Este alguém, para construir a coerência, deverá levar em conta não só os elementos lingüísticos que compõem o texto, mas também seu conhecimento enciclopédico, conhecimentos e imagens mútuas, crenças, convicções, atitudes, pressuposições, intenções explícitas ou veladas, situação comunicativa imediata, contexto sócio-cultural e assim por diante.

III.6 - Motsch & Pasch (1987) concebem o texto como uma seqüência hierarquicamente organizada de atividades realizadas pelos interlocutores. Os componentes da **atividade lingüística (AL)** reúnem-se na seguinte fórmula:

$$AL = (e, \text{int.}, \text{cond.}, \text{cons.})$$

em que **e** representa a enunciação, **int.**, a intenção do enunciador de atingir determinado objetivo, **cond.**, as condições necessárias para que este objetivo seja alcançado, e **cons.**, as seqüências decorrentes do atingimento do objetivo

De acordo com essa fórmula, a enunciação (**e**) é movida por uma intenção (**int**) do enunciador de atingir determinado objetivo ilocucional em relação ao enunciatário. Para atingir um objetivo fundamental (Obf), o enunciador precisa atingir um outro (Obf¹), anterior e subordinado àquele: que o enunciatário aceite, isto é, que esteja disposto a mostrar a reação pretendida pelo enunciador ou, ainda, que o enunciatário queira que o enunciador atinja o Obf. E, finalmente, para que a aceitação ocorra, um outro objetivo (Obf²), anterior e subordinado a Obf¹, precisa ser alcançado: que o enunciatário reconheça a intenção do enunciador, ou seja, compreenda qual é o objetivo que este persegue, o que depende da formulação adequada da enunciação.

Em outras palavras, de acordo com Motsch e Pasch, para alcançar o objetivo ilocucionário fundamental, exige-se que o enunciador assegure ao enunciatário as condições para que este reconheça sua intenção (compreendendo a formulação da enunciação) e aceite realizar o objetivo a que ele visa. Deste modo, o enunciador realiza atividades lingüístico cognitivas para garantir a compreensão e estimular, facilitar ou causar a aceitação. Da parte do enunciatário, para que a atividade ilocucional seja bem sucedida, faz-se necessário que ele compreenda o objetivo do enunciador, aceite esse objetivo e mostre a reação desejada. Os autores, relacionando os **objetivos parciais** Obf² e Obf¹ com as **atividades de composição textual** (como fundamentar, justificar, explicar, completar, repetir, parafrasear, corrigir, resumir, enfatizar), distinguem duas categorias: **a)** as que visam a que o enunciatário compreenda a enunciação (Obf²); **b)** as que pretendem levá-lo a aceitar realizar o objetivo fundamental do enunciador (Obf¹).

Hilgert (1990:9), comentando a proposta desses autores, afirma que as atividades de composição textual, ou **formulação "lato sensu"**, devem ser vista como um procedimento de solução de problemas: "se, em sentido lato, se admitir que as atividades de formulação são iniciativas de construção lingüístico-comunicativa de um enunciador, para fornecer uma "proposta de compreensão" ao enunciatário, em interação com o qual o processo comunicacional se realiza; e se, com Rath (1985:21), se considerar que "na língua falada, um texto consiste, ao menos em parte, na própria produção do texto (...)", onde fenômenos específicos como interrupções, reinícios, correções, paráfrases, repetições e outros o apresentam em constante **status nascendi**; então se pode admitir que as atividades de formulação são desencadeadas por problemas -reais ou virtuais de compreensão, detectados por ocasião do processamento textual. Em outras palavras, atividades de formulação são aqueles procedimentos a que recorrem os interlocutores para resolver, contornar, ultrapassar ou afastar dificuldades, obstáculos ou barreiras de compreensão.

O estudo das atividades de composição ou construção textual tem sido objeto de uma série de pesquisas, entre as quais as de Koch & Souza e Silva (1991, 1992), em que se propõe uma revisão de alguns posicionamentos de Motsch e Pasch e se apresenta uma proposta de classificação das atividades de composição do texto falado.

IV - CONCLUSÃO

De todo o exposto, pode-se concluir que, vista sob esta perspectiva, a atividade de produção textual pressupõe um sujeito - entidade psico-físico-social - que, em sua relação com outro(s) sujeito(s) constrói o objeto-texto, levando em consideração em seu planejamento todos os fatores acima mencionados, combinando-os e dosando-os de acordo com suas intenções e seus objetivos. O(s) outro(s) sujeito(s) implicado(s) nessa atividade -e no próprio discurso do parceiro, já que a alteridade é constitutiva da linguagem- pode(m) ou não atribuir sentido ao texto, aceitá-lo como coeso e/ou coerente, considerá-lo relevante para a situação de interlocução e/ou capaz de produzir nela alguma transformação.

Na atividade de produção textual, social/individual, alteridade/subjetividade, cognitivo/discursivo coexistem e condicionam-se mutuamente sendo responsáveis, em seu conjunto pela ação dos sujeitos empenhados nos jogos de atuação comunicativa ou sócio-interativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEAUGRANDE, R. de & DRESSLER, W. U. **Enführung in die Textlinguistik**. Tübingen: Niemeyer, 1981.
- DIJK, T. A. van. **Studies in the Pragmatics of Discourse**. N. Y.: The Hague, Mouton, 1981.
- **Cognição, Discurso e Interação**. São Paulo: Contexto, Trad. e organização de I. G. V. Koch, 1992.

- HILGERT, J. G. "Esboço de uma fundamentação teórica para o estudo das atividades de formulação textual". In: BASILIO, M. (org.). **Gramática do Português Falado**, vol. 3, as abordagens (no prelo).
- ISENBERG, H. "Einige Grundbegriffe für eine Linguistische Texttheorie". In: DANES & VIEHWEGER (eds.). **Probleme der Textgrammatik**. Berlin: Akademie Verlag, 1976.
- KOCH, I. G. V. & TRAVAGLIA, L. C. **Texto e Coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.
 _____. **A Coerência Textual**. São Paulo: Contexto, 1990.
- KOCH, I. G. V. & SOUZA e SILVA, M. C. P. "Atividades de composição textual: a elocução formal". In: KATO, M. A. (org.). **Gramática do Português Falado**, vol. IV (no prelo).
- LEONT'EV, A. A. **Sprache- Sprechen- Sprechätigkeit**. Stuttgart: Kohlhammer, 1971.
 _____. **Osnovy teorii recevoj dejatel'nosti**. Moscow: Nauka, 1974:21-63.
- MOTSCH, W. & PASCH, R. "Illocutive Handlungen". In: W. Motsch (org.). **Satz, Text, Sprachliche Handlung**. Studia Grammatica XXV, Berlin: Akademie Verlag, 1987:11-79.
- SCHMIDT, S. J. "'Text' und 'Geschichte' als Fundierungskategorien. Sprachphilosophische Grundlagen einer transphrastischen Analyse". In: W.D. STEMPFL. (ed.) **Beiträge zur Textlinguistik**. München: Fink, 1971:31-52.
- SERÉBRENNIKOV, B. A. (ed.). **Allgemeine Sprachwissenschaft**. München:Fink, 1973.
- WUNDERLICH, D. **Studien zur Sprechakttheorie**. Frankfurt: Suhrkamp, 2ª ed., 1978.